



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76  
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS**  
**SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA – 2024**

**COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO EM “SER E TEMPO”: AS**  
**CONDIÇÕES PRÉ-LINGÜÍSTICAS DA LINGUAGEM**

**Juan Glavemburgo Santos Bacelar Brito<sup>1</sup>; Tatiane Pereira Boechat<sup>2</sup>;**

1. PVIC/UEFS, Graduando em Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

[juangbb17@gmail.com](mailto:juangbb17@gmail.com)

2. Orientador, Departamento Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

[tatiboechat@uefs.br](mailto:tatiboechat@uefs.br)

**PALAVRAS-CHAVE: compreensão; linguagem; sentido.**

## **INTRODUÇÃO**

Esse trabalho visa principalmente explicitar como o conceito de compreensão (*Verstehen*) e interpretação (*Auslegung*) constituem o fenômeno da linguagem e sua derivação no enunciado a partir da investigação proposta por *Ser e Tempo*<sup>1</sup> de Martin Heidegger. Seguiremos a ordem argumentativa desenvolvida pelo filósofo nos §§32, §33 e §34 de ST, pontuarei aqui qual é esta ordem que deve ser explicitada para melhor expor o problema da linguagem. I) O *Dasein* como compreensão; II) Compreensão (*Verstehen*) e interpretação (*Auslegung*) como unidade de um modo de ser fundamental e existencial do *Dasein*; III) A proposição como modo derivado da interpretação. Ao enfatizar a importância do retorno às bases do fenômeno da linguagem, Heidegger desenvolve uma análise do modo de ser do homem, o *Dasein*<sup>2</sup>, visto em sua constituição enquanto ser-no-mundo. Esse conceito existencial ser-no-mundo, apresenta o *Dasein* em seu próprio ser, isso quer dizer que nenhum outro ente<sup>3</sup> é constituído pelo movimento dinâmico de estar-no-mundo e ser atravessado pela relação consigo mesmo, com outros *Dasein* e com os entes ao seu redor enquanto doador de sentido. Ser-no-mundo é uma determinação fundamental do *Dasein* e é o que constitui toda e qualquer possibilidade de constituição das coisas. A importância então da noção de “mundo” é dada aqui porque só podemos pensar a Linguagem a partir da relação ontológico-existencial entre *Dasein* e “mundo”.

## **MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)**

Com o objetivo de uma investigação essencialmente filosófica, trabalharemos com a exegese de textos através da metodologia hermenêutica de pesquisa a obras bibliográficas do filósofo Martin Heidegger e outros autores da literatura comentada sobre o eixo temático a que nos referimos.

---

<sup>1</sup> Termo do alemão não traduzido, mantido no sentido semântico da totalidade expressiva da língua.

<sup>2</sup> O conceito de *Da-Sein, ser-aí* (tradução literal do alemão), é utilizado por Heidegger para apontar o fenômeno de abertura de sentido que nós mesmos somos enquanto entes que existem e não podemos confundir com os conceitos de homem, sujeito, indivíduo pois são termos que estão carregados de pressupostos que desviariam nossa atenção da demonstração do fenômeno do *ser-aí* existente. *Dasein* é o ente lançado no mundo que vive, existe e carrega em si a possibilidade de se questionar pelo sentido do ser. Já aqui percebe-se a questão linguística na escolha da conceituação argumentativa da obra *Ser e Tempo*, tendo em vista que a Linguagem é um problema de extrema importância intrínseca a questão do sentido do ser.

<sup>3</sup> O ente é tudo que é. Tudo que podemos pensar, tocar, criar, definir, instrumentalizar, nos ocupar, nos

preocupar, etc.

## RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Na compreensão desde a ocupação com os entes é que se abre conjuntamente a significância, diz o filósofo. A significância é aquilo que se abre, como descoberta de possibilidade significativa de um ente e do mundo. Pois o mundo se dá em virtude da abertura do ser do *Dasein*. Isso quer dizer, segundo Heidegger, que “o *Dasein* é um ente em que, como ser-no-mundo, está em jogo seu próprio ser.” (HEIDEGGER, 1999, p. 203, §31) A estrutura da compreensão se encontra na relação com os entes em geral, pois afirma, primeiramente, que o *Dasein* é possibilidade de ser; isso significa que ele é em virtude de si mesmo, dos outros entes através da ocupação e dos outros *Dasein*. Compreender é, portanto, uma possibilidade ontológica de ser enquanto um modo constitutivo do *Dasein*.

A abertura ao ser dos entes intramundanos<sup>4</sup> está determinada pela manualidade do instrumento. Manualidade refere-se ao modo como os entes são, primariamente, apreendidos pelo *Dasein* em seu cotidiano; como os entes se dão em termos de sua utilidade e funcionalidade. Por exemplo, um martelo é compreendido no “martelar”, não como uma entidade isolada com propriedades físicas. Ele depende de uma rede de referências que o vincula a outros entes, tais como, o prego e a madeira e que determinam a abertura à significação. Um martelo é visto em sua manualidade se fizer parte de um conjunto relacional: ferramentas, atividades de construção, etc. A capacidade de sustentar a totalidade referencial apoia-se na possibilidade de o instrumento ser empregado para, o seu ser-para. Assim, sua finalidade está intrinsecamente vinculada a essa possibilidade compreensiva e operacional da ocupação.

Ao partir dessa demonstração fenomenológica, pode-se afirmar que antes mesmo de emitirmos uma palavra, já estamos previamente “envolvidos em uma rede de remissões com este e outros entes que nos circundam”. O mundo ocorre desde um contexto de sentido prévio em que o *Dasein* se encontra enquanto existência. Até aqui é possível perceber que trilhamos o caminho de reconstrução de uma análise fenomenológica na qual pudemos entender como e antes de tudo se dá a relação de compreensão de *Dasein* em sua constituição enquanto ser-no-mundo com os entes que o circundam e como, originariamente, essa relação não é baseada na tematização ou processos intelectuais, mas sim na ocupação.

Assim, é com os entes intramundanos que o *Dasein* se ocupa e é a ocupação (*Besorgen*) com entes que revela o modo de ser do *Dasein*. Em outras palavras, *Dasein* compreende “mundo” numa perspectiva fundada, inicialmente, na relação que ele guarda com os entes do manuseio. Melhor dizendo, primariamente *Dasein* se ocupa com o ente num horizonte de sentido pré-temático, ou seja, há uma interpretação prévia em que o *Dasein* sempre está, que lhe é constitutiva e que torna possível a ocupação. É no âmbito pré-temático, no qual o ente vem ao encontro de *Dasein*, que se torna possível a *compreensão* como um olhar ao ser dos entes.

É, então, a partir da investigação sobre a constituição fundamental de mundo que poderemos entender os vínculos relacionais primários expostos pela compreensão- interpretação, sentido e linguagem. Ou seja, como se dá esse âmbito pré-temático da compreensão-interpretativa e seus momentos estruturais que são condições pré-

---

<sup>4</sup> Heidegger se utiliza do termo ente intramundano para os entes que ocorrem no mundo, que vêm ao encontro do *Dasein* e/ou que são produzidos por ele; uma vez que a relação entre *Dasein* e ente, seja ela de lida ou de criação, se estabelece no modo de lidar com esses entes, isto é, na práxis, na ação. É um momento de articulação compreensiva em que o contexto estabelece a referencialidade na qual os entes que estão disponíveis podem ser empregados. O que significa que, num primeiro momento do ser-no-mundo, ou melhor, no momento estrutural mundo do *Dasein*, não há um intelecto que dite primeiramente a ação.

linguísticas. Até aqui percebemos que a linguagem só poderá ser entendida a partir da relação do ente existente, o *Dasein*, com os entes intramundanos. Além disso, é importante ressaltar que, o que entendemos por compreensão (*Verstehen*) e interpretação (*Auslegung*) é a projeção do ser do *Dasein* para possibilidades. Diz Heidegger, “[...] O projetar da compreensão possui a possibilidade própria de se elaborar em formas. Chamamos de interpretação essa elaboração.” (1997, §32, p. 204). O caráter estrutural dessa unidade existencial que é a compreensão e a interpretação constituem o *Dasein* enquanto abertura. E enquanto abertura o *Dasein* é na possibilidade de significação prévia dos entes. É no solo da compreensão-interpretativa do *Dasein* enquanto abertura, enquanto “*at*”, que ele se projeta na ocupação com os entes e junto a outros *Dasein*.

Mas como o fenômeno da articulação da compreensão e da interpretação constituem o *Dasein* enquanto abertura? Para explicitarmos esse fenômeno, precisamos recorrer à análise do mundo mais próximo, o mundo circundante, onde os entes vêm ao encontro em sua manualidade. Esse “onde” não pertence à noção de espacialidade comumente conhecida, mas se apresenta como proximidade do *Dasein* na ocupação com os entes. Ou seja, é na ocupação do ser-no-mundo com os entes que *Dasein* compreende o *ser-para* dos instrumentos. O *ser-para* é o modo específico do instrumento, sua função originária. Aqui, instrumento pode ser entendido como um ente que possua em sua constituição uma finalidade, isto quer dizer, que o ente-instrumento vem ao encontro do *Dasein* desde uma totalidade conjuntural de referências com outros entes-instrumentos. Um ente nunca é um ente isolado e objetificado do mundo. A sua instrumentalidade sempre se dá num contexto compreensivo-interpretativo em que *Dasein* já se encontra. Desse modo, a *instrumentalidade* do instrumento é exatamente a determinação do seu *ser-para* (*Um-zu*), na qual podemos compreender algo como algo. Por exemplo, o ente-instrumento caneta só é caneta se I) puder exercer sua função de *ser-para* (*Um-zu*) que é escrever e; II) se esse instrumento pertencer a uma totalidade conjuntural desde a qual ele possa exercer-se em sua função de escrever, um ambiente em algo como um papel ou um caderno esteja vinculado a essa rede de remetimentos que expõe o contexto. Fica claro, então, que o instrumento caneta destituído e subtraído de seu contexto torna-se apenas um mero objeto, um ente simplesmente dado. O que fenomenologicamente é impossível, visto que há uma rede referencial; melhor dizendo uma totalidade conjuntural que já se articula atravessada pelo sentindo no qual os entes-instrumentos vêm ao encontro do *Dasein*.

Desse modo, mundo como totalidade conjuntural é o “onde” no qual o *Dasein* compreende e projeta seu ser. De modo simples, pode-se dizer que a compreensão é a determinação ontológica, cuja estrutura não pode ser subtraída do *Dasein*. O *Dasein* “é” a partir de suas possibilidades e, enquanto projeto, *Dasein* é as suas possibilidades enquanto tais.

Até aqui percebemos que é através do manual que se faz remissão à rede referencial e que é possível pensar a mundanidade do mundo. O que remete diretamente à relação de ocupação (*Besorgen*) que o *Dasein* estabelece com os entes na circumdandade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Portanto, confirma-se aqui que numa investigação fenomenológica suficiente é preciso primeiro fazer uma analítica do ser dos entes mais próximos ao *Dasein*, os entes intramundanos, pois é a partir deles que *Dasein* desde sempre compreende mundo e é a partir da articulação da totalidade conjuntural da mundanidade do mundo, explicitada através da ocupação do *Dasein* com os entes manuais e a rede referencial que poderemos alcançar o fenômeno mais originário da linguagem.

A indicação da função de algo “como” algo da interpretação foi entendida pela estrutura “como” que determina o que é compreendido “como isso ou aquilo”. Então, a compreensão e a interpretação são os determinantes de como algo é visto enquanto tal. E, aqui, afirma Heidegger: “toda visão pré-predicativa do que está à mão já é em si mesma uma compreensão e interpretação”. Para entendermos o tripé, posição prévia, visão prévia e concepção prévia, que sustenta esse fenômeno, admitimos que essa apreensão antecipada precede todo e qualquer funcionamento do intelecto. Aqui está em jogo a “operatividade” cotidiana de tudo o que está à mão do Dasein que sempre já compreende a ocupação a partir da totalidade referencial. Na *posição prévia*, a totalidade conjuntural já é compreendida como o momento desentranhado, é na posição prévia que se torna claro a função na qual o manual se dá em sua manualidade. Na *visão prévia* ocorre o momento em que há o recorte funcional do que foi compreendido. É ela que fornece à interpretação uma conjuntura que é a totalidade de um caso. Já na *concepção prévia* a interpretação funda o conceito. Logo, a interpretação de algo, que se funda como algo, está sustentada por essa estrutura prévia.

Esta estrutura configura um fenômeno único que compõem a compreensão-interpretativa. A compreensão-interpretativa, como apresentamos, é a articulação das possibilidades do *poder-ser* do próprio Dasein no movimento de existir. Isso quer dizer que, em outras palavras, a totalidade conjuntural que é compreendida implicitamente, i. e, sem tematização, é fundamento essencial da interpretação. Desse modo, a totalidade conjuntural também se funda nesta estrutura tríplice. Aqui é possível perceber pela argumentação heideggeriana que a antecipação originária só pode se constituir no *Dasein*. E é apenas pelo atravessamento dessa rede de sentidos no *Dasein* com os entes que vêm ao encontro e que são descobertos, que o ser e o ente se abrem numa possível apropriação pela compreensão.

## REFERÊNCIAS

- HEIDEGGER, M. Ser e Tempo. Trad. Marcia de Sá Cavalcante, 5a edição. RJ: Vozes, 2006.
- \_\_\_\_\_. Ser e Tempo. Trad. Fausto Castilho. RJ: Vozes, 2012.
- \_\_\_\_\_. A essência da verdade. São Paulo: Nova Cultural, 1991 - (Coleção Os Pensadores).
- \_\_\_\_\_. Lógica: la pregunta por la verdad. Madrid: Alianza Editorial, 2004.
- \_\_\_\_\_. Introdução à Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BAY, T. A-A. El lenguaje en el primer Heidegger. México: FCE, 1998.
- BAGGIO LORENZ, A. A verdade em Heidegger apenas enquanto desvelamento. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Filosofia, Instituto de Humanas, UnB, 2013.
- CASANOVA, M.A. Compreender Heidegger. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- Mundo e historicidade: leituras fenomenológicas de Ser e Tempo. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.
- .